

Igreja em saída: para onde?

Edward Guimarães²²

Antes de tudo um poema de Paulo Gabriel: “Mãos que curam”. É com grande alegria que compartilho com vocês minhas reflexões sobre o tema desta noite: “Igreja em saída, para onde?” Antes de ensaiar uma resposta para a questão, peço que acolham algumas provocações para pensarmos juntos esta temática.

Chamemos de Intepelações do Espírito, algo que precede a nossa resposta de fé. Começemos com um alerta e uma dica do próprio Francisco:

Penso, aliás, que não se deve esperar do magistério papal uma palavra definitiva ou completa sobre todas as questões que dizem respeito à Igreja e ao mundo... Não convém que o Papa substitua os episcopados locais no discernimento de todas as problemáticas que sobressaem nos seus territórios. Neste sentido, sinto a necessidade de proceder a uma salutar ‘descentralização’ (EG 16).

(Importa) Cuidar do trigo e não perder a paz por causa do joio (EG 24).

Foram esclarecedoras e provocantes as reflexões das duas primeiras noites de nosso colóquio. A grande chave para compreendermos e sintonizarmos com as interpelações de Francisco nós encontramos em seu esforço para recuperarmos na Igreja o espírito e o ideal do Concílio Vaticano II, sobretudo, o que ainda não demos conta de receber e concretizar.

Creio, então, que devemos nos perguntar: o que nós esperamos de um Papa? Determinações sobre o que vamos fazer, sobre que rumos vamos tomar para concretizarmos a nossa práxis eclesial e sociopolítica e sermos fieis à Tradição? Ou interpelações para que, em nossa Igreja Local, tornemo-nos cristãos adultos, criativos e corresponsáveis para esse discernimento?

²² O autor é membro da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER), mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) e doutorando em Ciências da Religião (PUC Minas). É professor de Cultura Religiosa no Departamento de Ciências da Religião da PUC Minas, onde atua como secretário executivo do Observatório da Evangelização. É professor de Teologia no Curso de Pós-Graduação em Teologia do Centro Loyola de Espiritualidade, Fé e Cultura e no Curso de Pós-Graduação em Catequética, parceria do Instituto Regional de Pastoral Catequética da CNBB Leste II com a PUC Minas. Na Arquidiocese de Belo Horizonte, é membro do Conselho Arquidiocesano de Pastoral, da Comissão Permanente de Assessoria do Vicariato Episcopal para a Ação Pastoral e da equipe ampliada de formação no Seminário Arquidiocesano.

Se estivermos de acordo na adesão à segunda parte da questão posta, então, temos que assumir que somos nós mesmos que devemos responder à questão: Igreja em saída, para onde?

Quando lemos e contemplamos os escritos e os gestos de Francisco (e aqui poderíamos ter presente a sua pedagogia da proximidade, sua liberdade e coragem desconcertantes, por exemplo, de levar 12 refugiados consigo para dentro do Vaticano, reunir-se com os movimentos sociais e tantas outras de suas micro revoluções. Tenho certeza de que muitos aqui presentes também fazem isso, mas sem tanta visibilidade.) O que discernimos? A que somos interpelados?

Quando fazemos memória da caminhada da Igreja na América Latina em sua busca de recepção do Concílio Vaticano II, se já não a fossilizamos no baú da história, e temos presente toda aquela criatividade “eclesiogênica” das CEBs, a fidelidade jesuânica de tantos mártires da caminhada que, como Romero, fecundaram o chão de nossa América Latina, a leitura popular da Bíblia, os avanços ecumênicos e a nossa tão singular reflexão teológica... Sentimos saudosismo ou interpelação?

Quando com coragem voltamos às fontes e encaramos de frente a prática libertadora de Jesus, em palavras e gestos, e a sua fidelidade, até as últimas consequências, ao Reino do Pai... (Outro dia eu estava relendo “Com Jesus na contramão” do Frei Carlos Mesters, que simplicidade e que profundidade capaz de oportunizar o povo a aprofundar o seu olhar para a pessoa de Jesus...) O que ainda nos interpela da vida de Jesus?

Minha fala está organizada assim: partilharei dois perigos e, depois, sugerirei uma tentativa de resposta a nossa questão para alimentar o nosso debate.

1. Primeiro perigo: “fazer da conversão pastoral algo vago e nebuloso”

O que quero dizer com isso... 1. Que conversão pastoral não acontece sem clareza da rota a seguir: onde estamos? por que temos ou devemos mudar? o que queremos ou aonde queremos chegar? Sem dar resposta a essas questões ficamos perdidos ou fragmentados; 2. Que a conversão pastoral não acontece sem mudança de mentalidade: sem repensarmos as balizas centrais de nossa fé nas categorias de nosso tempo e termos um mínimo de compreensão comum do que significa, de fato, ser cristão no contexto atual não vamos longe nessa saída. Por exemplo, quando falamos de desenvolver em todos os

cristãos a consciência missionária, que compreendemos por isso? Participarmos do terço dos homens, da missa de cura, participarmos dos círculos bíblicos, das pastorais sociais?; 3. Que com todos os avanços tecnológicos, temos que reconhecer, ainda não conseguimos concretizar um diálogo adulto nem na dinâmica da vida eclesial, nem com a da sociedade. A nossa comunicação não flui, não tem sintonia e nem chega às bases da Igreja.

Fica a questão: quando concretizaremos uma formação que nos oportunize conhecermos melhor a pessoa de Jesus e sua prática libertadora, aprofundando o sentido e o significado de segui-lo e de vivermos o nosso batismo no contexto atual? Quando teremos clareza do que entendemos concretamente por Reino de Deus, por missão e por evangelização? Coexistem tantas visões, inclusive que se contradizem, na Igreja que mais confundem do que esclarecem.

2. O segundo perigo: “colocar remendos novos em panos velhos”

O que quero dizer com isso... 1. Que temos a tentação de fazer de Francisco, o que fazemos, sistematicamente, com a cruz de Jesus, com Maria, com os santos e santas... (perdoe-me a franqueza) mero enfeite nas paredes de nossas casas e igrejas, algo que já não nos interpela, mas que são usados para esconder mazelas, incoerências e inconsistências de um cristianismo morno, estritamente litúrgico ou convencional. 2. Que temos a tentação de continuar a configurarmos um cristianismo, com bela linguagem e emocionantes liturgias, mas sem um real compromisso com a busca de respostas para os desafios de nosso tempo: compromisso com a defesa inegociável da dignidade humana; caminhar de mãos dadas com os movimentos sociais e grupos de defesa da cidadania; denúncia profética contra as diversas formas de injustiça, desigualdade e exclusão social; um cristianismo sem prática coerente da vida nova em Cristo: sermos pessoas que foram libertadas para a práxis da justiça, da misericórdia e o amor fraterno. 3. Que temos a tentação de continuar acomodados com o que aí está, sem irradiar a alegria contagiante e transformadora de quem encontrou-se e cultiva a intimidade com o Deus da vida e, por isso, já não consegue viver de qualquer jeito a acolhida do Reino presente em nossa caminhada.

3. Igreja em saída, para onde?

Imagem de uma fogueira (símbolo da rica caminhada da Igreja latino-americana), de um braseiro coberto de cinzas (resultado da experiência desse longo inverno eclesial) e de um sopro capaz de reacender o fogo (efeito Francisco)!

Quem sai, geograficamente, desloca-se de um lugar para outro. Nesse sentido, contemplando a nossa Igreja, utilizando a categoria tendência, pensei setes direções necessárias: 1. De uma Igreja hierárquica e clerical para uma Igreja Povo de Deus, ministerial e participativa, que se organiza em rede de comunidades de fé, em torno da memória de Jesus (batismo e eucaristia) e das lutas sociais e práticas cotidianas de justiça, misericórdia e vida fraterna; 2. De uma Igreja centralizada em Roma a uma Igreja colegiada, representativa e corresponsável; 3. De uma Igreja autorreferencial, ensimesmada e preocupada consigo mesma, para uma Igreja servidora, sacramento do Reino, guardiã da dignidade humana e comprometida com o cuidado com a casa comum e com a paz mundial; 4. De uma Igreja burocrática e moralista, controladora da graça a uma Igreja simples, aberta e acolhedora, misericordiosa, facilitadora da graça; 5. De uma Igreja autossuficiente, enquanto consciente de ser a única portadora da salvação, a uma Igreja consciente da própria sacramentalidade diante do projeto salvífico universal e do Reino, comprometida com a prática do ecumenismo e do diálogo inter-religioso; 6. De uma Igreja sexista e machista a uma Igreja humanamente integrada, na qual cada pessoa possui igual dignidade e possibilidade de participar e assumir corresponsabilidade; 7. De uma Igreja de documentos a uma Igreja da práxis, capaz de concretizar suas diretrizes e opções.

Para terminar dois temas caros para Francisco

Tendo diante de mim as palavras de Leonardo Boff, segundo as quais Francisco é muito mais do que o nome desse papa, pois, trata-se de um projeto de Igreja pobre para os pobres, concludo com duas provocações:

1. Uma Igreja em saída missionária (EG 19-49)

Primeiro temos de refletir e acordar minimamente que missão é essa que recebemos no Batismo. Já não temos clareza da boa nova do Reino que somos chamados a anunciar e testemunhar. Trata-se de algo tão maior que a Igreja, que esta é chamada a ser dele um sacramento e não a realização cabal. Portanto, não se trata de encher as nossas igrejas e oferecer liturgias de massa ou de buscar estratégias para que um número cada vez maior de

peças afirme ser católica. Não concretizaremos uma “Igreja em saída missionária” sem colocar a confiança no projeto salvífico universal de Deus, assumindo a lógica do serviço, seja ao Povo de Deus, seja a humanidade como um todo. Para sermos missionários do Reino, importa renunciarmos a pretensão de ocupar o centro e ir ao encontro das periferias sociais e existenciais. Importa assumir a missão de ser como aquele grão de trigo de que fala o Evangelho: que existe para que todos tenham vida!

2. Uma Igreja de portas abertas sacramento da Casa aberta do Pai (EG 46-47)

Francisco usa a imagem de uma mãe de coração aberto. Concretamente, significa, primeiro, tornar-se uma Igreja que procura o tempo todo promover a inclusão social dos pobres e doentes. Ele define: uma Igreja pobre para os pobres. Ele lembra: “para aqueles que não tem com que retribuir”. Ele pede: “não os deixemos jamais sozinhos” (EG 48) e, segundo, tornar-se uma Igreja que encarne, em suas posturas e opções, a misericórdia do Pai. Ele recorda: ser uma Igreja facilitadora e não controladora da graça.